

Editorial

Adalberto Cardoso e José Ricardo Ramalho

É com satisfação que damos a público o número 26 da RELET, fechando, com isso, o décimo sexto ano da Revista. A ALAST e os editores da RELET aproveitam o ensejo para agradecer aos autores que, enviando seus textos para publicação, depositaram sua confiança neste veículo de divulgação da produção científica sobre o mundo do trabalho na América Latina e fora dela. Agradecemos também aos pareceristas anônimos que participaram deste volume (em seus dois números). Sem seu concurso a qualidade da edição não seria a mesma. Ao final do período da RELET no Brasil, publicaremos a lista completa dos autores e avaliadores que nos honraram com sua dedicação visando ao aprimoramento da Revista.

Este número apresenta quatro artigos que, direta ou indiretamente, realizam avaliações importantes sobre conceitos e teorias em áreas centrais da produção acadêmica contemporânea. Enrique De la Garza faz um balanço compreensivo da Teoria do Processo de Trabalho (TPT), que, tendo origem no Reino Unido, conheceu seu auge nos anos 1980 ao ser apropriada por estudiosos do trabalho em todo o mundo, inclusive na América Latina. De la Garza mostra como a TPT perdeu centralidade nos anos 1990 e 2000 ao ser confrontada pelas teorias do pós-fordismo e, depois, da pós-modernidade, tendo ganhado fôlego novamente nos anos mais recentes, uma vez mais no Reino Unido. O autor chama atenção para o caráter relativamente surpreendente desse renascimento, em um

ambiente de movimento operário enfraquecido e no qual o marxismo perdeu centralidade na academia. Crítico das teorias pós-modernas, pós-estruturalistas e das que advogam a crise das identidades centradas no trabalho, De la Garza sugere que a renovação da TPT, fortemente centrada na tradição clássica, pode ser mais produtiva para a compreensão da realidade do trabalho na América Latina do que o que ele denomina de “modas intelectuais” hoje presentes no continente.

O artigo de Helena Hirata realiza um balanço da produção francesa sobre quatro temas centrais: (i) a divisão sexual do trabalho; (ii) as relações de gênero na mundialização; (iii) a precarização do trabalho e (iv) o trabalho de assistência ou cuidado (*care*) e as migrações internacionais. Sua intenção é, tanto quanto possível, restringir-se à produção francesa, ainda que em diálogo com as influências internacionais. Balanço bibliográfico bastante compreensivo e multifacetado, resumi-lo por sua vez não faz sentido. Chamamos apenas a atenção para a advertência de Hirata quanto ao fato de que, tratado como trabalho, a assistência toca em temas centrais da sociologia do trabalho, como qualificações e competências, formação e diplomas, remuneração, recrutamento e promoção, condições de trabalho etc. Sobretudo, ilumina aspectos decisivos das relações de gênero, ao problematizar, dentre outras coisas, a divisão sexual do trabalho em uma atividade que envolve elementos normalmente tidos como “femininos”, como o cuidado, o afeto, o amor devotado aos destinatários da assistência etc. De descoberta tardia no debate francês, o tema vem ganhando crescente centralidade nas pesquisas e na produção científica.

Lucas Azambuja busca suprir lacunas no debate, no âmbito da Nova Sociologia Econômica, sobre aspectos substantivos e elementos condicionantes do cálculo maximizador das firmas no mercado de trabalho. O autor sustenta que a disciplina não esteve atenta ao problema, relegado ao campo das teorias econômicas neoclássicas. A partir da crítica aos pressupostos dessas teorias (concorrência perfeita, indivíduos racionais maximizadores do interesse ou da utilidade pessoal, descolamento das decisões em relação ao contexto social etc.), argumenta que as teorias das redes oferecem instrumentos adicionais importantes à compreensão do cálculo maximizador das firmas, já que, dentre outras coisas, as redes econômicas e sociais determinam o nível e a qualidade da informação disponível, por seu lado elemento central do processo decisório dos profissionais de recursos humanos. Sem abandonar a ideia do cálculo maximizador como constitutivo da ação das firmas no mercado de traba-

lho, o autor sugere que, nas redes, ocorrem os agenciamentos que tornam o cálculo possível.

O estudo de Angelo Soares completa o grupo de textos com forte discussão conceitual e teórica, ao trazer novamente à superfície a discussão sobre o conceito de trabalho no mundo contemporâneo. Começa por mostrar que o trabalho é uma relação social que atravessa relações de gênero, raça, etnia, classe e idade. Ademais, para ele já não há como sustentar a distinção clássica entre trabalho intelectual (ou mental) e trabalho manual (ou físico), já que todo trabalho mobiliza a subjetividade inteira do(a) trabalhador(a), e ainda mais o trabalho nos setores de serviços. Aqui, a atividade ainda compromete emocionalmente quem a executa, pois demanda relações face a face que envolvem confiança, segurança, medo etc. O autor emprega o modelo analítico assim construído na análise do trabalho de caixas de supermercados no Brasil e no Québec, no Canadá, no qual recupera temas centrais como: a importância do sentido do trabalho para seus executantes (tema, aliás, abordado pelo texto de Sabine Fortino e Danièle Linhart no número 25 da RELET) e também para os gestores da força de trabalho; a ideia de que o trabalho não é apenas um “ganha pão”, sendo ainda importante para a definição da identidade das pessoas; e, principalmente, o fato de que tomar o conceito de trabalho referido apenas ao trabalho industrial escamoteia aspectos relevantes tanto do que o trabalho é quanto do lugar que ocupa na teoria e na prática de seus agentes.

A Revista se completa com três artigos sobre o mundo do trabalho, além da Seção Memória e de uma resenha. Julián José Gindin apresenta os resultados de sua tese de Doutorado sobre o sindicalismo docente, comparando Argentina, Brasil e México. Fruto de pesquisa de campo nos três países, o estudo mobiliza o método comparativo e os conceitos de dependência de trajetória, conjunturas críticas e seus legados para identificar os principais elementos explicativos da consolidação do que ele denomina “sindicalismo docente de base” nos três países. Identifica na “tradição sindical” o elemento central, na medida em que ela opera a mediação entre as características das categorias docentes e suas práticas sindicais, funciona como um legado das conjunturas críticas e é um dos principais elementos que explicam a dependência de trajetória das práticas sindicais. Cobrindo momentos cruciais da ação sindical docente ao longo do século XX, o artigo é uma contribuição importante para o debate tanto sobre o movimento sindical em geral na América Latina quanto sobre os docentes em particular.

Florencia Luci apresenta um estudo sobre carreiras gerenciais na Argentina, tendo por base pesquisa de campo em oito das maiores companhias daquele país. Mostra como a internacionalização das empresas no topo da estrutura econômica argentina mudou significativamente os ambientes corporativos estruturantes das carreiras dos gerentes. As empresas foram classificadas em dois grupos: um no qual elas apresentam estratégias globalizadas de gestão do negócio e empregam técnicas modernas de gerência, e outro no qual técnicas ainda tradicionais prevalecem. Em qualquer caso, porém, a adesão às práticas da gerência moderna emerge como tendência discursiva geral, na qual a busca da empregabilidade e o discurso da autogestão das trajetórias pessoais aparecem como elementos da gramática de justificação das carreiras bem-sucedidas.

O estudo de Roberto Maurício Sanchez Torres se debruça sobre as políticas de emprego do governo Álvaro Uribe, na Colômbia, entre 2002 e 2010. Para avaliar seu êxito ou não na geração de empregos e na melhoria das condições de trabalho, analisa detidamente cada política específica à luz de suas promessas e dos resultados efetivamente obtidos. Conclui que a política de emprego apresentou grandes fragilidades, estando mal enfocada e sem planejamento de médio e longo prazos.

A Seção Memória publica a segunda parte do estudo de Juarez Brandão Lopes, “O ajustamento do trabalhador à indústria”, cuja parte inicial apareceu na RELET número 25. O leitor interessado encontrará ali uma introdução apresentando o autor e sua obra, exemplar dos estudos do trabalho no Brasil e na América Latina. Por fim, temos a satisfação de dar a público uma resenha crítica de grande interesse elaborada por Pierre Tripier, comentando dois livros recém-lançados na França sobre a história da sociologia do trabalho naquele país. Tripier labora argumentos que colocam os livros de Lucie Tanguy (*La sociologie du travail en France. Enquête sur le travail des sociologues, 1950-1990*) e de Anni Borzeix e Gwenaële Rot (*Genèse d’une discipline, naissance d’une revue: sociologie du travail*) em perspectiva no âmbito do debate francês atual. Ao mesmo tempo, atualizam o papel estratégico da sociologia francesa do trabalho na consolidação desse campo de estudos no mundo e também na América Latina. Desejamos a todos e a todas uma ótima leitura.